

Como Não se Deve Escrever Para Crianças

RUBEM BRAGA

CONVIDAM-ME para escrever uma história para crianças, e não tenho coragem. Na verdade já tentei há muito tempo, e não deu certo. Tive apenas a felicidade de não publicar o que então escrevi: seria mais um desses livros sem alma e sem graça com que tantos escritores iludidos tentaram, a certa altura, conquistar crianças.

Nada mais triste do que esses livros. Alguns dão essa impressão penosa de uma cena vulgar no seio das famílias: um estranho qualquer, sem jeito e sem simpatia, aborrecendo uma criança que tenta cativar. O sujeito imita voz de criança e de bicho, faz gracinhas e mágicas — e a criança não gosta.

Acontece então, às vezes, que chega outro sujeito e apenas diz à criança: «Vem cá» — e logo o menino grimpa seus joelhos e começa a inventar brincadeiras, mexendo com seu nariz ou com suas orelhas, rindo a qualquer palavra à-toa que o homem diga. E se ele conta alguma história em tom sério a criança fica de olhos espantados, completamente presa às suas palavras.

Eu sou, ainda que discreto, do primeiro tipo. Consolo-me com outros ainda piores e mais esforçados. Tristes experiências me ensinaram a ser reservado com as crianças e não tentar agradá-las. Tenho tido muitas vezes a impressão penosa de que elas vêm em mim o que em mim há de falso e ruim; não lhes sei mostrar o que possa ter de mais sincero e bom.

Há pouco tempo, um menino de 11 anos, muito desorientado em suas leituras, pôs-se a ler uma história minha. Não era escrita para crianças, mas o menino achou ótima, pois contava a história de um passarinho que fugiu das mãos do homem que queria vendê-lo na rua e se escondeu embaixo de um automóvel. O garoto divertiu-se muito com as peripécias da caça ao passarinho, em que tomaram parte vários transeuntes. De certa altura em diante, porém, eu deixo de falar do passarinho e a história toma outros rumos. A crítica do menino foi esta: «Ele escreve bem, mas é chato porque não tem paciência e muda de assunto no meio da história».

O que me intrigou nessa crítica foi o fato de haver ele gostado do começo da história, em que eu falava do passarinho. Escrevera aquilo sem supor que pudesse ser lido por uma criança. Fui reler e verifiquei que, se eu pensasse em escrever para crianças, teria escrito de maneira muito diferente. E é quase certo que então não agradaria ao meu leitor infantil. Ele gostou daquilo como toda criança gosta de ouvir uma conversa entre pessoas grandes, pelo menos em sua idade. Pode ser que não tenha entendido, ou tenha interpretado de maneira diferente, uma ou outra coisa — mas isso talvez tenha aumentado para ele o encanto da história.

Esta e outras pequenas experiências parecem, todavia, não ensinar nada. Escrever para criança, como fazia um Monteiro Lobato, exige, com certeza, muita coisa que escapa dos limites da técnica literária. É preciso talvez ser um espírito abençoado por uma certa graça pura e viva que raros recebem — e que as crianças reconhecem à primeira vista, como reconhecem um amigo naquele sujeito narigudo que entra na sala e diz simplesmente: «Vem cá».

DK 2.2.68